

Estética: sua fronteira com a ética!

Prof. Dr. Paulo Faitanin/UFF



Monalisa

1. Origem: Com este termo *Estética* designa-se o estudo filosófico do belo e da arte. A palavra *estética* foi formada originalmente a partir do termo grego *aisthesis*=sensação, daí *estética*, que significa susceptível de ser percebido pelos sentidos. Neologismo cunhado por Alexander Gottlieb Baumgarten [1714-1762] para dar título à sua obra *Aesthetica*, de 1750. A Baumgarten atribuiu-se a distinção entre o conhecimento do belo e as outras partes da filosofia. Cabe frisar que já os antigos propunham tal distinção; contudo, ao autor da *Aesthetica* deve-se atribuir o estabelecimento da *independência* de uma disciplina para o estudo do belo. A *Gnosiologia* para ele se dividia em saber inferior ou sensível e saber superior ou intelectual. A *Estética* é o saber sensível, a que ele definiu como *a ciência do pensar belo* [*scientia pulchre cogitandi*], da qual ascende à *perfeição do conhecimento sensível* [*perfectio cognitionis sensitivae*]. A *Estética* estuda racionalmente o belo e o sentimento que ele suscita na sensibilidade individual, por meio da obra de arte. O belo é o objeto da estética e a arte a sua expressão. Enquanto a estética considera as teorias da percepção e criação artística, a arte tem como função principal a expressão do belo, como o que toca os sentidos e os sentimentos. Com Emanuel Kant [1724-1804], em a *Crítica da Razão Pura* de 1781, fala-se da estética como um juízo *a priori* à percepção sensível. Com esta percepção, a *Estética* passou do meramente sensível para uma dimensão *a priori*. Primeiramente com Baumgarten e, posteriormente, com Kant, prevaleceria a idéia da *Estética* como uma disciplina da filosofia, uma de suas partes, correlata à *Gnosiologia*, à *Metafísica*, à *Ética* e à *Lógica*, que designaria o estudo racional do belo e da arte, sua representação, percepção e sentimentos suscitados nos indivíduos. Em razão de ser considerada uma parte da filosofia, por vezes, é denominada também *Filosofia da Arte* ou *Filosofia do Belo*.

2. Ética e Estética: A arte distingue-se da ética nisso, que ela é a arte do fazer e a ética é a do agir [Sum. Theo. I-II, q.57,a.4]. Mas qual a diferença entre fazer e agir? Fazer e agir podem ser tomados como sinônimos, em alguns casos. Mas não são sinônimos perfeitos, pois não se converge no fazer tudo o que é o agir. Por isso, diz-se que o fazer é uma dimensão do agir: *o fazer é um determinado modo de agir*. Por isso, o agir é muito mais do que o fazer, pois este é apenas um modo de realização daquele. Como se vê, nem todo agir é um fazer

enquanto implica na produção de algo concreto e individual, mas todo fazer é um agir. Portanto, toda *facção* supõe e orienta-se aos princípios da *ação*. Pois bem, Tomás concebe a arte como ciência independente da moral. Como vimos, a arte é a ciência do fazer humano e a moral a do agir humano. No entanto, porque subordina o fazer ao agir, de certo modo ele subordina também a arte à moral, já que a moral é a ciência do agir humano. E por isso mesmo, opõe-se a qualquer arte que se instrumentalize contra a moralidade, pois como vimos, a arte subordina-se adequadamente à moralidade, já que o agir é mais do que o fazer e este o supõe. A arte deve auxiliar a moral naquilo que lhe é próprio, ou seja, conduzir o homem na busca do bem e da beleza absolutas. Embora não se chegue diretamente ao bem pela obra de arte, porque ela se ordena ao que é belo e útil, ela muito serve para intuí-lo. Poder-se-ia equivocadamente imaginar que uma obra de arte, por ser bela e promover sentimentos bons e dignos e até excelsas as inspirações ao apreciá-la, tornaria o artista moralmente bom. De fato isso não ocorre, pois a arte não torna o artista bom, senão hábil na manifestação ou *facção* do belo [Sum. Theo. I-II, q.57, a.4]. Portanto, para ser um artista renomado e que produz obras de arte não é pressuposto uma vontade reta, senão certa habilidade. Mas se o artista, além da habilidade, produz a sua obra segundo os princípios da vontade reta e da virtude moral, a obra de arte acaba traduzindo além da beleza, a bondade do seu ato. Neste sentido, é pertinente falar de uma virtude moral da arte, pela qual se reconhece a moralidade do artista em sua obra [Sum. Theo. I-II, q.57, a.3, ad.2]. E é por aqui que se estreitam ou se distanciam as fronteiras da estética e da ética. Em *Metafísica* aprende-se que há identidade entre belo e bom. Ora, se isso for assim, significa que deve haver uma orientação natural entre o belo e o bom. Esta ordenação que há entre belo e bom se dão segundo a razão humana. Mas devido a intenção do agir do homem, que pode ser reta ou não, um artista com má intenção, pode fazer uma obra de arte bela, embora intencionalmente imoral. E o contrário também é verdadeiro: uma boa intenção não é critério para produzir necessariamente uma obra de arte bela. Uma boa ou má intenção não é critério para uma habilidade boa ou má, pois uma coisa é o agir moral, pautado na intenção de fazer ou produzir algo e outra coisa é a própria habilidade no fazer ou produzir. Em qualquer caso, o artista moralmente bom e hábil no que faz, tende naturalmente a converter sua obra de arte em algo bom e belo, ou seja, em algum bem que transcenda a própria arte em si. Como? *Na medida em que o belo acrescenta ao bem certo prazer* ao ser visto, satisfazendo ao intelecto, à vontade, aos sentimentos e aos sentidos [Sum. Theo. I-II, q.27, a.1, ad3]. Seria um engano enorme - embora não duvido de que haja quem pense assim - de que uma obra de arte para ser boa e gerar

prazer tem de ter um tom imoral ou mesmo completamente imoral. Não há dúvida, também, de que a constante convivência *acrítica* com certas 'obras' de arte - se é que podemos falar assim - que preconizam a idéia de que é bela e boa, porque tais obras podem gerar prazer sensível e produzirem no sujeito um hábito, um costume. Pois bem, o hábito constante do sujeito de percepção *acrítica* ante uma obra de arte que enfatiza o imoral para provocar o prazer e promover a percepção de que é bela porque causa o prazer, gera a curto prazo o mau gosto. Estas experiências podem ser constatadas na arte da música, da pintura, da escultura e do cinema. Portanto, é sumamente equivocada a tese subjacente e subliminar de que para ser bela uma obra tem de causar prazer sensível ou a idéia que se forma no imaginário de quem tem postura *acrítica* frente a qualquer obra de que a obra de arte só agrada e dá prazer se for imoral. Portanto, não é regra que para ser moralmente boa uma obra de arte, necessariamente não deve causar prazer. Ao contrário, causa dignamente maior prazer o belo da obra de arte que incita o bem no sentimento e no espírito humano. Ou não são suficientemente habilidosos os artistas ou não são moralmente boas as obras de arte que não incitam a convergência de belo e bem. Infelizmente é maior o número de exemplos que incitam a divergência, como nas que ocorrem nas mostras artísticas de pinturas e esculturas que incitam a perversão do desejo; e inclusive na dita sétima arte - cinema - na qual se inclui também a TV, a Internet, que maximamente tem explorado, em alguns de seus programas, o completo desnível e divergência entre belo e bem, minando e forjando na consciência dos espectadores a falsa idéia de que para ser belo tem de ser imoral.

3. Conceitos fundamentais: (a) **A arte:** Em nossos dias *arte* significa toda produção bela, através de um ser consciente. Tomás define a arte como *a reta razão de fazer algumas obras* [Sum. Theo. I-II, q.57, a.3,c/ C.G. I,93;II,24]. A arte, enquanto uma produção da razão, segue à retidão da mesma no que se refere à aplicação dos seus primeiros princípios, como os da contradição, identidade, causalidade e finalidade. A ordem que a razão faz considerando as coisas externas [In I Etica, lec.1 n.2] e a ordem que ela imprime no que faz, segue os princípios da própria razão: *início, meio e fim*. Neste sentido, a arte é a virtude de bem fazer, produzir, segundo a razão [C.G. III,10]. (b) **O belo:** Em nossos dias o *belo* designa mais especificamente o que corresponde a certas normas de equilíbrio, de plástica, de proporções harmônicas, de perfeição no seu gênero e outras qualidades. Para o Aquinate o belo [pulchrum] é tudo o que causa admiração e sendo visto agrada, causa prazer [Sum. Theo. I, q.5, a.4, ad1]. É o esplendor da proporção da forma na matéria, que captam nossos sentidos [Sum. Theo. I-II, q.27, a.1,ad.3]. Po isso, pertence propriamente à natureza da causa formal [Sum. Theo. I, q.5, a.4, ad1]. Em última instância isso significa

que o belo e a beleza [pulchritudinis] não são da matéria, mas da forma na matéria. E isso tem sentido quando se toma a doutrina tomista que afirma que a beleza propriamente dita é a que se dá e se realiza no mundo espiritual [Sum. Theo. II-II, q.145, a.2], na medida em que o ser de todas as coisas procede da beleza divina [In IV De div nom. lec.5, n.349/ Sum. Theo. I, q.39, a.8]. Em tudo que foi criado se encontra a impressão da beleza divina, em justa proporção de sua natureza criada e segundo a forma que possui e o modo como ela se encontra informada proporcionalmente na matéria. Por isso, a estética tem fronteira estreita com a metafísica. O belo é pois uma propriedade transcendental do ser [De ver. q.1, a.1/ De pot. q.7, a.2], de tal modo que onde há ser, há beleza. A beleza requer três elementos, a *integridade* ou *perfeição*, por isso são feias as que se encontram mutiladas ou diminutas; as *proporções adequadas* ou *harmonia*, que nada mais é que a justa expressão proporcional das qualidades da forma na quantidade da matéria; e finalmente o *esplendor* [Sum. Theo. I, q.39, a.8, c.], expressão da perfeição que cada forma possui. Distingue-se em beleza corpórea e espiritual. A corpórea refere-se à proporção do corpo e a espiritual aos atos bons à luz da razão [Sum. Theo. II-II, q.145, a.2, c]. Por isso, a beleza se predica proporcionalmente de cada coisa que se diga bela, enquanto possui um esplendor próprio corpóreo ou espiritual [In IV De div nom. lec.5, n.339]. O fundamento ontológico da beleza das criaturas é, como já dissemos, a Beleza divina. Deus é belo em si mesmo e não há nada que seja belo antes d'Ele [In IV De div nom. lec.5, n.346], por isso mesmo Ele é a causa da beleza das coisas que existem [In IV De div nom. lec.5, n.340] dentre as quais a beleza expressa na proporção corporal e da beleza expressa na operação espiritual, como o inteligir a verdade, querer o bem e especialmente o amar.